

O PENSAMENTO NOMOGENÉTICO NA URSS NO PERÍODO ENTRE-GUERRAS: a história de um contra-programa

Patrick Seriot*
Université de Lausanne

Résumé

La lecture de l'index des *Selected Writings* de Roman Jakobson laisse apparaître références d'un monde scientifique oublié dans l'univers francophone. L'intérêt de Jakobson pour les grands thèmes de l'épistème romantique allemande, pour les découverts de la linguistique slavophile se retrouve dans la linguistique soviétique de l'entre deux-guerres.

Mots-Clé: Linguistique romantique, Naturphilosophie, anti-darwinisme, positivisme

Resumo

A leitura do índice das Leituras Seleccionadas de Roman Jakobson possibilita o aparecimento de referências de um mundo científico esquecido no universo francófono. O interesse de Jakobson por grandes temas do episteme romântico alemão, por descobertas da lingüística eslava, se situa na lingüística soviética no período entre duas guerras.

Palavras-Chave: Lingüística romântica, Naturofilosofia, anti-darwinismo, positivismo

A leitura do índice de *Selected Writings* de Roman Jakobson revela nomes surpreendentes de filósofos românticos (Goethe), de gramáticos eslavófilos (Konstantin Aksakov), de biólogos antidarwinistas (Karl Von Baer, Lev Berg), sobretudo em seus textos do período entre-guerras.

Admitindo-se que essas referências não são fortuitas, sua abundância e regularidade merecem ser levadas em consideração e estudadas de perto. Jakobson, em seus textos em russo e em tcheco e também, ainda que de maneira menos explícita, em alemão e em francês, faz referência a um mundo científico hoje esquecido no universo francófono, que se apresenta como uma alternativa ao darwinismo.

Reconhece-se que um grande número de *leitmotiven* de Jakobson, que ficaram incompreensíveis para exegetas como Georges Mounin ou mesmo Martinet (a negação do acaso, a obsessão tipológica, a noção de pré-formação, de tendência da evolução, de teleologia, de convergência das línguas, de consideração do “fator espaço”), adquirem todo seu sentido se relidos à luz das correntes filosóficas e científicas de pensamento. Essas correntes apresentaram-se, ao longo do século XIX, como uma negação explícita e militante do darwinismo e do “positivismo”, fazendo referência à *Naturofilosofia* alemã.

O interesse de Jakobson pelos grandes temas do *episteme* romântico alemão, pelas posições e descobertas da lingüística eslavófila não é isolado. Ele se encontra, mais ou menos indiretamente, em momentos diversos na lingüística soviética do período entre-guerras, em configurações com surpreendente complexidade, na qual adversários declarados, professando princípios científicos antitéticos (Marr/Vinogradov), ou ainda pesquisadores trabalhando em puro desconhecimento recíproco (Bakhtin, Lyssenko), podem se achar paradoxalmente unidos em torno das mesmas unidades temáticas.

É possível, então, ler Jakobson como uma introdução à cultura científica russa.

Porém, através dessas aproximações inesperadas, serão feitas duas questões de ordem epistemológica:

* Docente de Lingüística do Departamento de Línguas Eslavas da Universidade de Lausanne.

- Como se organizam as relações entre ciência e ideologia nas Ciências Humanas?
- Como se organizam as relações entre tempo e espaço na história das Ciências Humanas?

Lembraremos os temas gerais do antidarwinismo na Rússia¹ e, na sequência, trataremos do tema da *forma* e do *tipo*.

1. O ANTIDARWINISMO, UM PROGRAMA ANTIPOSITIVISTA

Os textos de Jakobson dos anos 1920 e 1930 se organizam como uma *denegação*, que pode ser resumida em uma fórmula: “não ao positivismo”. Trata-se de uma mudança de paradigma anunciada, declarada, repetida ao longo dos textos. Mas basta proclamar uma ruptura para que ela seja efetiva? Distanciar-se de algo é, em certa medida, ser sempre dependente dele.

O papel que tem a obra do biólogo Lev Berg, *La Nomogénèse*, no pensamento de Jakobson² ou de Olga Frejdenberg³ começa a ser conhecido. Berg rejeita resolutamente o que pensa ser um traço essencial do darwinismo: a idéia de evolução não orientada para um objetivo, aleatória.

Seu livro tenta explicar toda a evolução dos seres vivos através da idéia de *lei* (em grego, *nomos*): a *nomogênese*⁴. Contudo, convém lembrar a existência de outro contemporâneo de Jakobson: Aleksandr Aleksandrovič Ljubiščev (1890-1972), outro antidarwinista convicto, cujo pensamento oferece um esclarecimento particularmente elucidativo do contra-programa.

Esse biólogo, que tinha uma cultura enciclopédica, era um entomólogo especialista em sistemática e em história das ciências. Buscava construir uma teoria que permitisse fazer, na Biologia, previsões comparáveis as dos elementos químicos ausentes na tabela de Mendeleev. Assim como Berg, rejeita a idéia de acaso e propõe uma explicação do fenômeno do ser vivo baseada na idéia de finalidade ou de conformidade com um objetivo. Porém ele insiste ainda mais na idéia de *ordem* do mundo, baseada em *leis* de constituição das formas, na ausência de qualquer relação *genealógica* entre elas.

Darwin postulava que as semelhanças entre duas espécies podem ser explicadas somente através de uma ascendência comum; Berg explica as semelhanças através da *convergência* e Ljubiščev, por sua vez, interessa-se pelas semelhanças baseadas em leis das *formas*. Para ele, a classificação das espécies, ou *sistemática*, não deve ter relação com a filogenia, ou seja, a história de sua origem. Ljubiščev é, sem dúvida, quem apresenta o contra-programa de maneira mais sistemática, através de uma série de dicotomias cujo segundo termo é axiologicamente privilegiado: mecanicismo/organicismo; merismo (as partes)/holismo (o todo); caos/harmonia; polemismo (a luta)/harmonismo; monismo materialista/pluralismo⁵.

É fascinante estudar essa *base de teorias* nas Ciências Naturais, que age como *base de discussão* em uma ciência humana como a Linguística.

O marrismo, como pode ser compreendido apesar da obscuridade do número de suas formulações, repousa essencialmente sobre a mesma recusa em explicar as semelhanças através da origem comum. Assim como Jakobson, os marristas rejeitam a idéia de desenvolvimento separado das línguas após desmembramento a partir de um tronco comum. É a árvore genealógica de Schleicher que é, em ambos os casos, expressamente visada⁶. Todos buscam fazer aproximações, paralelismos entre línguas não parentes, com a diferença de que Jakobson busca semelhanças de ordem fonológica, e Marr, que busca semelhanças de ordem semântica.

¹ Cf. Sériot, 1994a; 1994b; 1999a.

² “Li com entusiasmo o livro de Berg sobre a *Nomogênese*” (R. Jakobson: carta a B. Šklovski, 26 de fevereiro de 1929, ed. em Toman, 1994, p. 61).

³ “Eu estava entusiasmada com a leitura da obra *Nomogênese* de Berg. [...] encontrei nesse livro as provas para confirmar meu anti-darwinismo secreto”. (Frejdenberg, citado após Braginskaja, 1998, p. 750, cf. o artigo de E. Velmezova nesse mesmo número).

⁴ Cf. Sériot, 1999b, p. 181-182.

⁵ Cf. a compilação Ljubiščev, 1982.

⁶ Sobre a comparação entre eurasistas e marristas através da negação das semelhanças herdadas, cf. Sériot, 2000.

É fato que, ao compararmos, encontramos sempre semelhanças e diferenças, dependendo do que destacaremos. Por exemplo, negando o gradualismo e afirmando a teoria dos saltos (*skački*), Marr está mais próximo do contra-programa do que Jakobson. Este último, entretanto, nem sempre é muito claro em seus princípios: para ele, às vezes, as línguas evoluem por aproximação sucessiva, às vezes, por saltos bruscos⁷. Mas ambos recusam a limitação genética, a exemplo de Berg.

2. LEIS, TIPOS E FORMAS

Já vimos o quanto a noção de *nomogênese* marcou alguns intelectuais russos do período entre-guerras. Resta examinar duas outras noções indispensáveis, com uma história tão longa e complexa que lembraremos apenas algumas de suas manifestações no contra-programa na Rússia; trata-se da *forma* e do *tipo*.

Vladimir Propp é extremamente conhecido no Ocidente como o pai da narratologia⁸, e suas teorias são ensinadas nas escolas. Parece, contudo, um pouco precipitado reivindicar essa herança direta. O livro de Propp, *Morfologia do conto*⁹, utiliza, na minha opinião, a noção de “morfologia” não em um sentido estrutural, mas sim orgânico, em relação com a biologia romântica e a *Naturofilosofia*: a morfologia, como “essência” orgânica, é capaz de transformações a partir de um plano, ou tipo¹⁰. É interessante notar que cada capítulo do livro é precedido por uma epígrafe de Goethe, o que desapareceu da tradução inglesa publicada, entretanto, por iniciativa de Jakobson¹¹. É verdade que a tradução francesa¹², que conservou rigorosamente essas epígrafes, não suscitou muitos comentários nesse sentido.

Goethe, em sua morfologia, ou *Formenlehre*, segue uma linha muito diferente da que Darwin seguirá mais tarde. Este via o aparecimento de novas espécies em variações acidentais. Essas variações são *aleatórias*, acontecem sem seguir uma direção determinada. E bastam para explicar a variedade das *formas* orgânicas.

É porque do informe pode nascer uma forma que uma estrutura definida pode aparecer a partir de variações acidentais, rejeitadas por aqueles que seguem a *teoria dos tipos* de Goethe e de Cuvier: a metamorfose, para Goethe, não transforma um tipo orgânico em outro, ela pode conduzir somente a novas formações *dentro do mesmo tipo*¹³.

Conforme a teoria dos tipos orgânicos de Cuvier¹⁴, os seres vivos são construídos a partir de um número muito pequeno de *planos* únicos, que constituem também princípios autônomos de explicação *morfológica*, distintos dos que estão baseados nas condições de existência e de *meio*. Não pode haver nenhuma relação entre os diferentes tipos.

Na teoria da história, a teoria dos tipos é particularmente bem representada pela geração dos “eslavófilos tardios” dos anos 1860-1880 (Nikolaj Danilevskij, Nicolai Straxov), que desenvolvem uma *morfologia* histórico-cultural, no âmbito da qual o mundo eslavo e o mundo “romano-germânico” eram vistos como *tipos histórico-culturais* diferentes, pertencentes a uma história morfológica diferente¹⁵. Esses tipos são fundamentalmente *distintos* e invariáveis. Além disso, assim como nos *filos* de Cuvier, que Danilevskij muito admirava, as condições de existência e os sistemas de organização de cada um desses tipos histórico-culturais fazem com que a experiência histórica, a cultura, a filosofia e a ciência estejam integralmente ligadas no interior de cada tipo¹⁶.

⁷ Cf. Jakobson, 1931.

⁸ Cf. Brémont, 1973, primeira parte: “L’héritage de Propp”.

⁹ Propp, 1928.

¹⁰ Sobre esse tema, cf. Gasparov, 1998, p. 215.

¹¹ Propp, 1958, 1968.

¹² Propp, 1970.

¹³ Cf. Cassirer, 1945, p. 105.

¹⁴ Pelo contrário, para Geoffroy Saint Hilaire, a totalidade dos seres orgânicos segue um plano único. A controvérsia entre Cuvier e Geoffroy Saint Hilaire em Paris em 1930 foi seguida por Goethe com entusiasmo.

¹⁵ Cf. Gasparov, 1987, p. 53.

¹⁶ Cf. Todes, 1989, p. 41.

Enfim, o essencialismo dessa teoria dos tipos faz com que cada um encarne uma “alma” ou um “destino” particular, que nunca se repetirão. Uma consequência lógica disso é que as relações interculturais não têm significação e são puramente fortuitas. Não se pode mais falar de uma civilização humana, de uma humanidade una, mas somente de uma variedade de culturas, da qual podemos estudar, no máximo, à maneira do botânico ou zoólogo pré-darwiniano, a *morfologia*, ou seja, as estruturas comparadas. A comparação serve, assim, para separar e não para unir. Deve ficar bem claro que essa visão *morfológica* da história das culturas não é própria à Rússia: na Alemanha ela é conhecida com Splenger, que utiliza igualmente a noção de morfologia das culturas. Lembremos, por fim, que Jakobson tinha uma grande admiração por Danilevskij, falando dele como de um “fruto maravilhoso” da cultura científica russa¹⁷.

A morfologia das culturas, compreendidas como objetos desmembráveis, é a base dos raciocínios etnográficos de Troubetzkoy. Ele distingue unidades verdadeiras (que são “orgânicas”) e unidades falsas (que são “artificiais”):

“Dois povos próximos por seu caráter nacional, vivendo em contato um com o outro, e ambos dirigidos por autênticos nacionalistas, terão infalivelmente culturas muito próximas, precisamente por causa de um intercâmbio de valores culturais aceitáveis pelas duas partes. Mas essa unidade cultural se diferencia radicalmente da unidade artificial que é o resultado da tendência à servidão da parte de um desses povos”. (Trubeckoj, 1921, p. 83)

talvez mais do que em outros lugares, o essencialismo platônico se opôs, na Rússia, nos séculos XIX e XX, ao pensamento analítico e ao que é chamado, na biologia, de populacionismo, que consiste em considerar as espécies animais não como *tipos*, mas como conjuntos de indivíduos. Trata-se de uma mutação moderna da querela medieval dos realistas e dos nominalistas. O pensamento essencialista apóia-se na aparente evidência das noções de descontinuidade, de invariância, de “tipos”. O fundamento desse tipo de pensamento, de origem platônica, é a geometria: qualquer triângulo, seja qual for o comprimento de seus lados, é sempre um triângulo, ele *representa* a idéia de triângulo. Não há *nenhum intermediário* com outras figuras geométricas, por exemplo, o retângulo. Estamos em um pensamento do descontínuo. Mas esse descontínuo espacial é estendido à descontinuidade temporal: em uma perspectiva essencialista, a origem de qualquer mudança pode vir somente de um *salto*, conduzindo essências antigas às novas essências¹⁸.

Podemos ver um exemplo da dificuldade em abandonar o pensamento tipológico-essencialista na interpretação do conceito de fonema como um “tipo de som”, em particular no sociologismo em Llingüística, que tenta se elevar do nível do indivíduo àquele do “fato” coletivo. No sociologismo dos anos 1920, o indivíduo é apenas um representante mais ou menos aproximado do *tipo* representado pela comunidade de língua (*jazykovej kollektiv*). O corolário desse pensamento do tipo é a desvalorização da variação:

“Sem falar que nas observações da fonética experimental os fatos individuais de pronúncia ameaçam ocultar o objeto de estudo – o fonema, ou *tipo de som* aceito como norma nos limites de uma coletividade de língua, o estudo mais minucioso das leis que regem a atividade linguageira do indivíduo e que explicam as mudanças que nela se produzem deixa inexplicada a passagem do fato individual ao fato coletivo”. (Šor, 1926, p. 39)

[Sobre a definição do sentido como fato social e não individual:] “No aspecto externo (sonoro) da palavra, isso corresponde à distinção entre o *tipo* sonoro ideal existente na comunidade de língua (o fonema) e o conjunto de suas *realizações aproximativas* no falar individual de cada um dos membros dessa comunidade. As observações mostram que duas pronúncias do mesmo som pelo mesmo indivíduo já diferem entre si; ora, o próprio fato da compreensão mútua mostra de maneira igualmente indubitável que existe algo em comum entre todas essas pronúncias. É a teoria do fonema, elaborada independentemente por Baudouin de Courtenay e por alguns pesquisadores franceses, que permite extrair

¹⁷ Jakobson, 1929.

¹⁸ Sobre a crítica ao essencialismo do ponto de vista da biologia moderna, cf. Mayr, 1989, p. 67 sqq.

essa forma comum, ou fonema, que determina a atividade do indivíduo e que é o bem próprio ao conjunto da coletividade”. (*Ib.*, p. 66-67)

A teoria dos tipos, entretanto, apresenta numerosas transformações na Lingüística na Rússia. Assim, para os marristas, embora um tipo de língua se distinga por especificidades ao mesmo tempo formais e semânticas, ele é uma etapa “dialética” no “processo lingüístico único”:

“conforme o quadro, poderíamos pensar que cada língua ou cada grupo de línguas de mesmo tipo representa o resultado de um sistema, formalizado em um outro sistema, como se o processo de desenvolvimento tivesse estações de bifurcação cômodas, diferentes etapas criadoras, entre as quais poderíamos apenas vegetar. Na realidade, essas estações ou etapas são pontos cruciais, revoluções. Elas fazem o meio estabelecido explodir e abrem novas vias, segundo as quais pouco a pouco se estabelece uma constituição (*složenie*) do *tipo* novo; é sobre essas vias novas que nasce uma divergência, o aparecimento de uma antítese ao lado da tese que dá, ao fim da luta, uma nova solução na mutação (*sdvig*) rumo à estação de bifurcação seguinte. A criação está no próprio movimento e não nas etapas, pois ela não está no começo, mas sim no processo de acumulação contínua e na dinâmica do material”.¹⁹

CONCLUSÃO

Essas poucas observações suscitam uma reflexão sobre as *temporalidades longas* na história das Ciências Humanas, contrariamente à noção de “corte epistemológico” (Bachelard) ou de “mudança de paradigma” (Kuhn).

Resta, então, encontrar o equivalente para a reflexão sobre o espaço e o ar do lugar: uma visão não descontínua dos limites entre as culturas científicas e as “tradições” nacionais em Lingüística.

Tradução: Paula Fernanda Malaszkiwicz
Revisão: Patrícia R. Reuillard

REFERÊNCIAS

- BRAGINSKAJA, N.V.: “Posleslovie ko 2 izdaniju”, Frejdenberg O.M. **Mif i literatura drevnosti**. Moskva : Nauka, 1998 p. 744-765. [Posfácio à 2ª edição de O.M. Frejdenberg : O mito e a literatura antiga]
- BREMONT Claude. **Logique du récit**. Paris : Seuil, 1973.
- CASSIRER Ernst : “Structuralism in Modern Linguistics”, **Word**. vol. 1, n° 2, août, p. 99-120.
- GASPAROV Boris, 1987 : “The Ideological Principles of Prague School Phonology”, in K. Pomorska et al. (ed.) : **Language, Poetry and Poetics**. Berlin - New York : Mouton De Gruyter.
- GASPAROV Boris. V poiskax drugogo [Em busca do outro]. In: **Moskovsko-tartuskaja semiotičeskaja škola**. Moskva : Jazyki russkoj kul'tury. 1998
- JAKOBSON Roman, “Über die heutigen Voraussetzungen der russischen Slavistik”, **Slavische Rundschau**. 1, Prague, 1929, p. 629-646.
- JAKOBSON Roman. *K xarakteristike evrazijskogo jazykovogo sojuza*. [Para uma caracterização da união eurasiática de línguas] Paris : **Izdatel'stvo evrazijcev**. p.59 (retomado na *Selected Writings*, 1, 1971, p. 144-201).
- LJUBIŠČEV A.A.: **Problemy formy, sistematiki i èvoljucii organizmov**. [Os problemas da forma, da sistemática e da evolução dos organismos] Moskva : Nauka, 1982..
- MAYR Ernst : **Histoire de la biologie**. t. 1., Paris : Fayard.
- PROPP V., 1928 : **Morfologija skazki**. [A morfologia do conto] Leningrad : Akademija (2ª Ed., completa e corrigida: Leningrad : Nauka, 1969

¹⁹ Marr, sem indicação de fonte, citado por Serdjučenko, 1931, p. 175. [Apesar de todos meus esforços, não consegui fazer uma tradução mais elegante – N.A.]

- PROPP V., **Morphology of the Folk Tale**. S. Pirkova-Jakobson ed., Bloomington : Indiana University Press, 1958 .
- PROPP V.. **Morphology of the Folk Tale**. (2e éd., modif.), A. Dundes ed., Austin-London : University of Texas Press, 1968 .
- PROPP V.: **Morphologie du conte**. Paris, Ed. Seuil, trad. de Marguerite Derrida, 1970.
- SEROT Patrick,. “Aux sources du structuralisme : une controverse biologique en Russie”, **Études de Lettres**. Lausanne, Janv-mars, 1994a , p. 89-103.
- SEROT Patrick, :- L'origine contradictoire de la notion de système : la genèse naturaliste du structuralisme pragois”, in M. Mahmoudian et P. Sériot (éd.) In : **Cahiers de l'ILSL**. n°5, : *L'Ecole de Prague : l'apport épistémologique*, 1994f., p. 19-58.
- SEROT Patrick, : “The Impact of Czech and Russian Biology on the Linguistic Thought of the Prague Linguistic Circle”, **Travaux du Cercle linguistique de Prague**. vol. 3, 1999a, p. 15-24.
- SEROT Patrick. **Structure et totalité. Les origines intellectuelles du structuralisme en Europe centrale et orientale**, Paris, Ed. P.U.F, 1999b.
- SEROT Patrick. Eurasistes et marristes. In Sylvain Auroux (éd.) : **Histoire des idées linguistiques**. t. III, Liège : Mardaga, 1999a p. 473-497.
- ŠOR Rozalija O. «Krizis sovremennoj lingvistiki», . [A crise da lingüística contemporânea] **Jafetičeskij sbornik**. n° 5, 1926,: p. 32-71TODES D. : *Darwin without Malthus*, New York - Oxford : Oxford University Press.
- TOMAN Jindrich. : **Letters and Other Materials from the Moscow and Prague Linguistic Circles**. 1912-1945, Ann Arbor : Michigan Slavic publications / Cahiers Roman Jakobson, 1.,1994.
- TRUBECKOJ (TROUBETZKOY) N.S. Ob istinnom i ložnom nacionalizme”, [Sobre o verdadeiro e o falso nacionalismo] *Isxod k Vostoku*. Sofija.